

NOSSA CAPA



JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE – UM MARINHEIRO NA CONQUISTA DO MARANHÃO

ORGANIZAÇÃO E ADAPTAÇÃO
DEOLINDA OLIVEIRA MONTEIRO
Jornalista

SUMÁRIO

Introdução
Ordem do Dia do Comandante da Marinha
Exposição do diretor do Patrimônio Histórico e
Documentação da Marinha
As comemorações

INTRODUÇÃO

O ano de 2013 marcou o quadricentenário das ações da Força Naval que, sob o comando de Jerônimo de Albuquerque Maranhão, realizou importante missão contra os franceses estabelecidos na então chamada França Equinocial, culminando em sua expulsão.

Jerônimo de Albuquerque foi um marinheiro precursor que, ainda no Brasil

Colônia, atuou de maneira decisiva naquele episódio histórico e, mais tarde, na expulsão dos franceses, o que lhe rendeu a distinção, concedida pelo rei, de passar a usar o sobrenome “Maranhão”.

Nascido em Pernambuco, em 1548, e fundador, em 1599, da cidade de Natal (RN), Jerônimo de Albuquerque foi o primeiro brasileiro a comandar uma Força Naval em missão tipicamente militar. Foi de Recife que partiu, em junho de 1613,

em missão de reconhecimento. Em 10 de novembro do ano seguinte, após a derrota na Batalha de Guaxenduba e não obtendo reforços militares da França, os invasores foram expulsos.

Para marcar os 400 anos do início das ações de Jerônimo de Albuquerque, foram realizadas diversas comemorações. Em 26 de junho, foi inaugurado um busto do homenageado na Capitania dos Portos de Pernambuco, no Recife, com leitura da Ordem do Dia do Comandante da Marinha e lançamento do selo comemorativo dos Correios alusivo à efeméride.

O diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), Vice-Almirante (ReP-EN) Armando de Senna Bittencourt, autor de diversos artigos sobre história e estudioso do tema, disse na ocasião: “Jerônimo de Albuquerque é um personagem de grande importância para a história naval. Há registros franceses que comprovam a sua participação”.

A integração dos Correios à comemoração, por meio do lançamento do selo, evidencia a importância de Jerônimo de Albuquerque para a defesa do território durante a invasão francesa. Foram produzidos 540 mil selos comemorativos, acompanhados por selo de 1º porte de carta comercial para circulação em território brasileiro, com a reprodução da aquarela sobre papel, de 2006, de Carlos Kirovsky, da flotilha comandada pelo insigne marinheiro. O quadro pertence ao acervo da DPHDM. “É um momento muito importante. Os Correios têm orgulho de participar da homenagem a esse precursor da garra

pernambucana”, disse o diretor adjunto dos Correios, Fábio Peixoto Barbosa Marques.

O comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Julio Soares de Moura Neto, presidiu a cerimônia e destacou sua relevância: “Jerônimo de Albuquerque, filho de português com uma índia, teve papel fundamental na construção atual do nosso território, soube unir a cultura portuguesa à indígena e conquistar esse povo para a defesa do território. O que não conhecíamos ainda era sua importante atuação numa força naval, o que nos deixa muito satisfeitos”.



ORDEM DO DIA DO COMANDANTE DA MARINHA

O comandante da Marinha expediu a seguinte Ordem do Dia sobre o assunto:

“Na virada do século XVI para o XVII, dentre os grandes desafios que se descortinavam aos portugueses para a ocupação da região norte do País, sobressaía a necessidade de expulsar os invasores franceses.

Nas diversas campanhas da América portuguesa, o Poder Naval foi um dos grandes pilares para a sustentação do nosso imenso território. Em 2013, estamos comemorando um desses grandes feitos históricos, o quadringentésimo aniversário do início das ações da Força Naval que, sob o comando de Jerônimo de Albuquerque, contribuiu decisivamente para a conquista do Maranhão.

Durante a União Ibérica, entre os anos de 1580 e 1640, quando o trono de Portugal foi ocupado por reis espanhóis, corsários franceses, sob o comando de Daniel de La



Capitania dos Portos de Pernambuco – Inauguração do busto de Jerônimo de Albuquerque

Touche, Senhor de La Ravardière, estabeleceram uma colônia no Maranhão, que ficou conhecida como França Equinocial, e lá construíram, em 1612, um forte, ao qual denominaram São Luís.

No ano seguinte, o governador-geral, Gaspar de Souza, obedecendo às instruções do Rei Felipe III, começou os preparativos para combater os franceses, realizando uma incursão naval para fazer o reconhecimento dos redutos inimigos naquela região. Essa ação era imprescindível, pois os portugueses detinham poucas informações de navegação sobre a perigosa costa maranhense, uma área bastante frequentada por estrangeiros provenientes das Antilhas.

Para conduzir a expedição, foi designado Jerônimo de Albuquerque, brasileiro nato, filho da índia tupi batizada como Maria do Espírito Santo Arcoverde e de pai português, de quem herdou o nome, e que se notabilizou no processo de colonização de Pernambuco. A sua escolha como chefe daquela empreitada, que resultou em torná-lo o primeiro nascido no Brasil a comandar uma Força Naval, deveu-se à sua larga experiência militar e à capacidade de articular interesses portugueses com a cultura indígena, incluindo sua língua materna, o tupi, facultando-lhe uma grande ascendência sobre seus subordinados.

A flotilha sob seu comando era composta por aproximadamente cem homens embarcados em três ou quatro navios, construídos no Brasil e denominados ‘caravelões’, tendo partido de Recife em junho de 1613 e estabelecido sua base de operações em Jericoacoara, no Ceará, onde fundou o Forte de Nossa Senhora do Rosário. O sucesso alcançado nessa fase inicial da missão foi decisivo para que, em 1614, reunidas as informações necessárias sobre o efetivo, os meios navais e as fortificações rivais, Jerônimo de Albuquerque partisse do Rio Grande do Norte com forças regulares e guerreiros indígenas e expulsasse os invasores.



Busto de Jerônimo de Albuquerque inaugurado na Capitania dos Portos de Pernambuco

Em 26 de outubro de 1614, oito embarcações entraram na Baía de São José, fundando, nas proximidades da foz do Rio Munim, o Forte de Santa Maria de Guaxenduba, que, em 19 de novembro, sofreu um ataque de 1.700 inimigos. As nossas forças, mesmo apresentando um efetivo menor, agiram rapidamente, rechaçando a tentativa de desembarque e incendiando as embarcações adversárias.

La Ravardière, tendo em vista o grande fracasso da iniciativa militar, solicitou uma trégua de um ano, aceita por Jerônimo de

Albuquerque, mas recusada pelo Rei Felipe III, que ordenou uma nova campanha contra os oponentes, os quais, em novembro de 1615, renderam-se às tropas sob o comando do capitão-mor de Pernambuco, Alexandre de Moura.

As vitórias sobre os franceses no Maranhão fizeram com que Jerônimo de Albuquerque fosse reconhecido pelo reino como capitão-mor da conquista daquela região.

Esse fato histórico passa a compor o rol dos importantes feitos que contribuíram para a garantia do nosso grande espaço territorial e para a formação do sentimento patriótico. A partir da aplicação do Poder Naval, foi possível assegurar o domínio do norte do Brasil, cabendo enaltecer a atuação do brasileiro e mameluco Jerônimo de Albuquerque, que, em uma ação pioneira, comandou uma Força Naval, tendo participado de forma relevante da expulsão dos invasores franceses. Além do mais, ao acrescentar ‘Maranhão’ ao seu nome, vinculou sua própria identidade à terra que defendeu.”

EXPOSIÇÃO DO DIRETOR DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA

Como parte das comemorações, o DPHDM, Almirante Bittencourt, proferiu

palestras em órgãos da Marinha e extra-Marinha sobre o tema, adaptadas conforme o público assistente. Um desses públicos foi o composto pelos aspirantes da Escola Naval, no Rio de Janeiro, instituição que promoveu, em 28 de junho, um painel sobre Jerônimo de Albuquerque.



O comandante da Marinha e Fábio Marques, dos Correios, no lançamento do selo comemorativo

Transcrevemos abaixo a palestra apresentada pelo Almirante Bittencourt, intitulada *Jerônimo de Albuquerque e a primeira Força Naval comandada por natural do Brasil*:

“**Jerônimo Pai**

Portugal precisava garantir seu monopólio da Carreira da Índia, tão arduamente conquistado. A costa do Brasil, que se



Selo de 1º porte de carta comercial com imagem da flotilha de Jerônimo de Albuquerque

projetava no Oceano Atlântico Sul, considerando o regime de ventos, era uma posição estratégica que não podia ser ignorada. Logo, a presença frequente de corsários franceses no litoral brasileiro mostrou que havia uma vulnerabilidade que somente se resolveria com a ocupação dessa costa, colonizando-a.

Era uma solução difícil para Portugal, cujos interesses então eram principalmente comerciais.

A produção de açúcar, plantando cana e utilizando a experiência e a tecnologia já implantada nas Ilhas Oceânicas portuguesas, foi a forma escolhida para dar um respaldo econômico a esse difícil empreendimento



Vice-Almirante (Ref^o-EN) Bittencourt, DPHDM, em exposição na Escola Naval



Contra-Almirante Guerreiro, comandante da Escola Naval e o DPHDM

de colonização de uma terra tropical e selvagem. A tentativa de ocupar a costa do Brasil, na primeira metade do século XVI, por meio de iniciativa privada, criando capitanias hereditárias, não teve sucesso, exceto em Pernambuco e São Vicente. As dificuldades eram enormes, principalmente pela presença dos indígenas no Brasil, que se organizavam em sociedades guerreiras tribais. Havia constante conflito entre as tribos, acumulando-se ofensas mútuas ao longo do tempo, que exigiam vinganças. Quando o colonizador se aliava a uma tribo, tornava-se inimigo das que eram hostis àquele grupo.

O donatário da Capitania Hereditária de Pernambuco era Duarte Coelho, que também tinha interesses fora do Brasil. Em sua capitania brasileira foi muito ajudado por seu

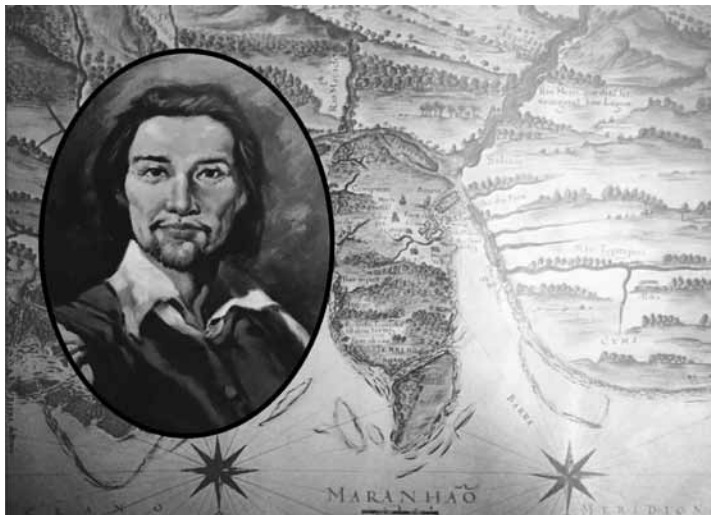
cunhado, Jerônimo de Albuquerque, que chegou a Pernambuco em 1535 com a irmã, esposa do donatário. Jerônimo estabeleceu as bases da propriedade, fundando Igarapé e Olinda, foi capitão-mor após a morte de Duarte Coelho, em 1554, até a chegada do sobrinho, que foi o segundo donatário, e ajudou também, mais tarde, o terceiro, ainda no período difícil do início da ocupação da terra. Permaneceu no Brasil todo o tempo, até sua morte, em 1593. Foi um dos conquistadores do Novo Mundo, o que lhe trouxe notável prestígio em sua época¹. Bento Teixeira, considerado o primeiro escritor barroco da língua portuguesa, em sua *Prosopopeia*², canta em versos seus feitos de pioneiro. Isso permite que se possa ver Jerônimo de Albuquerque e seu ambiente conforme o ponto de vista do início do século XVII. O índio era considerado por Teixeira como sendo bárbaro e insolente e precisava, portanto, ser amansado e instruído na fé de Cristo. O francês inimigo, por sua vez, devia ser açoitado com rigor e expulso. A ideia do ‘nobre selvagem’, tão afastada da dura realidade e dos primeiros tempos da colonização, ainda levaria quase dois séculos para se difundir pelo mundo.

Além de serem vistos como bárbaros brutais, os índios eram numerosos e aguer-

1 FRAGOSO, João; ALMEIDA, Carla; SAMPAIO, Carlos. *Conquistadores e negociantes*. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2007.

2 TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*, 1601.

ridos. Era necessário recrutá-los para a causa da colonização, pois os portugueses estavam em minoria, e empregar sua força contra os inimigos: os indígenas hostis e os franceses. Jerônimo precisou fazer alianças com eles. A melhor forma de garanti-las era tomar como esposa uma das filhas do principal de cada tribo, criando um vínculo com sua família. Sem dúvida,



Jerônimo de Albuquerque e o mapa do Maranhão

ele se empenhou em empregar essa tática. Ao morrer, deixou dezenas de filhos gerados pelas ‘cunhãs’ da terra. Daí o apelido que ganhou de ‘Adão Pernambucano’³. Um desses filhos, o da ‘princesinha índia’ Maria do Espírito Santo Arcoverde e neto do ‘morubixaba’ tupi Arcoverde, devidamente reconhecido, foi batizado de Jerônimo de Albuquerque, em homenagem ao pai.

Jerônimo Filho

Jerônimo, o mameluco, cresceu em dois mundos, aprendendo a conviver com a cultura indígena e a portuguesa. Apesar de natural da terra, não se pode dizer que era brasileiro no sentido moderno que tem essa palavra, pois nessa época não existia a consciência de ser brasileiro e ainda não

havia o sentimento de patriotismo. Era um vassalo do rei de Portugal, defendendo seus próprios interesses, sua cultura e sua religião. Jerônimo de Albuquerque, o filho da ‘princesinha índia’, foi, no entanto, fundamental para a ocupação portuguesa do Nordeste do Brasil, contribuindo, sem saber, para a formação do território que futuramente seria brasileiro⁴ e que só ficaria independente cerca de dois séculos depois.

Dos muitos filhos de Jerônimo (o português), Jerônimo, o mameluco, foi o que mais se destacou. Inicialmente, participou de expedições contra índios hostis acompanhando seu pai. Mais tarde, liderou naturais da terra e portugueses, combatendo as tribos inimigas e os franceses, pois, além de ocupar uma posição social elevada, falava o tupi, sua língua de infância, e o português⁵ fluentemente.

3 A elevada frequência do sobrenome Albuquerque no Brasil, principalmente no Nordeste, merece consideração.

A fama de Jerônimo chegou à Europa e, por recomendação da rainha de Portugal, 25 anos depois de chegar ao Brasil, casou-se com uma portuguesa, com quem também teve filhos.

4 BITTENCOURT, Armando de Senna; LOUREIRO, Marcello Gomes; e RESTIER JUNIOR, Renato Jorge Paranhos. *Jerônimo de Albuquerque e o comando da força naval contra os franceses no Maranhão*, p.77. In *Navigador – Subsídios para a História Marítima do Brasil*, v.7, N.3, junho de 2011. Rio de Janeiro, Editora Serviço de Documentação da Marinha, 2011.

5 Quanto ao português, cf. VAINFAS, Ronaldo (Org.), *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001: “...Jerônimo de Albuquerque... foi daqueles que se aportuguesaram completamente, pelo menos nos fatos públicos da vida”.

O papel desempenhado por mamelucos na colonização e expansão do território ocupado pelos portugueses na América foi muito importante para a história do Brasil. Eles eram os mais habilitados, conhecedores dos costumes indígenas e europeus, servindo de mediadores entre as duas culturas. Criados por mães índias, estavam acostumados a hábitos de higiene e alimentação mais adequados à vida nos trópicos e obtinham muitos conhecimentos úteis sobre a terra em que viviam. Contando com o apoio de pais europeus, que os reconheciam como filhos, participavam, depois, da sociedade dos colonizadores. No Sul, eles foram a maioria dos bandeirantes⁶, que, descendo os rios, principalmente os da bacia do Paraná, ampliaram as fronteiras para o Oeste. No Norte, Jerônimo pôde servir como paradigma, mas houve outros que ajudaram a expulsar invasores franceses e, mais tarde, holandeses e seus mercenários.

Os franceses se interessaram pelo Brasil desde as primeiras décadas do século XVI. Entre os produtos da terra que os interessavam, o pau-brasil era o mais importante. Possuíam manufaturas de tecidos que necessitavam de corantes, e os tons de vermelho que se podia obter desta árvore tinham muita aceitação na Europa.

Conheceram inicialmente a costa entre o Mearim e a foz do Amazonas melhor do que os portugueses⁷ e a frequentavam. Procuraram se estabelecer no Brasil várias vezes, mas sempre foram empreendimentos de ‘natureza privada’, alguns chefiados por particulares com cartas de corso concedidas pela França.

Nunca contaram, porém, com o auxílio substancial do Governo francês quando tiveram que lutar para não serem expulsos, mesmo quando se estabeleceram no Maranhão com uma colônia de produção agrícola. Encontraram sempre a reação do Governo de Portugal e de forças organizadas espontaneamente pelos portugueses que viviam no Brasil, não faltando o apoio de forças navais, inclusive das espanholas no período da União das Coroas Ibéricas (1580-1640), para expulsá-los.

Os que se estabeleceram na Paraíba foram atacados por portugueses, apoiados por uma força naval comandada pelo almirante espanhol Diogo Flores Valdez, e expulsos. Retiraram-se para o Rio Grande do Norte.

Para desalojá-los de lá, o capitão-mor de Pernambuco, Manuel Mascarenhas Homem, organizou uma expedição em 1597. Jerônimo de Albuquerque, o mameluco, foi escolhido para comandar uma das companhias de infantaria por suas boas



Mapa do Brasil em 1626, de João Teixeira Albernaz

6 Alguns deles não falavam o português, como, por exemplo, Domingos Jorge Velho, o conquistador do Quilombo de Palmares.

7 Cf. CALMON, Pedro. *História do Brasil*, São Paulo: Ed. Nacional, 2v. p. 33, 1939-1941.

qualidades de líder guerreiro e articulador de interesses portugueses com os índios e provavelmente também por ser filho de um conquistador famoso. Seu pai, o Jerônimo português, já havia falecido, mas passara para o filho uma posição social destacada entre os colonizadores.

Os franceses e seus aliados indígenas foram derrotados. Para sedimentar a vitória, o Forte dos Reis Magos, que os portugueses haviam erigido na foz do Rio Grande (atual Potengi), foi entregue a Jerônimo de Albuquerque, que habilmente pacificou os índios locais. Em seguida, ele fundou um povoado que foi a origem da cidade de Natal e, em 1603, foi nomeado capitão-mor do Rio Grande, cargo que ocupou por seis anos.

Enquanto Jerônimo estava ocupado com a colonização do Rio Grande do Norte e também cuidando de seus interesses, os franceses

planejaram aquela que foi sua invasão mais importante no futuro território brasileiro, a do Maranhão, que já era bem conhecido por eles e onde, inclusive, mantinham boas relações com os tupinambás que lá habitavam.

Em 18 de julho de 1612, chegaram ao Brasil três navios com o propósito de estabelecer uma colônia na ilha que depois foi denominada de São Luís. Lá, já se encontravam uns 400 franceses e navios oriundos do Havre e de Dieppe, o que mostra que já frequentavam bastante o local. A primeira iniciativa foi a construção de um forte batizado de São Luís, mas logo começaram a construir casas e armazéns e a trabalhar a terra. Pretendiam se instalar para sempre na colônia que denominaram França Equinocial. Veio com eles

8 D'EVREUX, Ivo. *Viagem ao Norte do Brasil*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos & Cia., 1929.

um grupo de missionários capuchinhos. Os padres Ivo d'Evreux, que esteve no Brasil⁸ em 1613 e 1614, e Claude D'Abeville deixaram notáveis relatos sobre a terra.

Mais tarde, partiam da França reforços para a colônia, sendo o mais significativo o de 1614. Cabe, porém, observar que os recursos se originaram principalmente da iniciativa privada e não do apoio prestado pela monarquia. Havia, inclusive, a pressão contrária de defensores da aliança da França com a Espanha, e estavam em andamento negociações para o casamento de Luís XIII da França com a infanta espanhola Ana D'Áustria.

O comando de força naval por Jerônimo de Albuquerque em 1613

Desde 1608, o governador-geral do Brasil, Diogo de Menezes, estava preocupado com as atividades dos franceses no Mara-

nhão, mantendo o Rei Felipe II de Portugal (Felipe III de Espanha) informado. Em 1613, chegou ao Brasil um novo governador, Gaspar de Sousa, com ordens do rei para tomar providências em relação ao Maranhão. Logo ao chegar, ele transferiu sua sede para Olinda e resolveu enviar uma expedição de reconhecimento.

Para comandar essa expedição – uma operação tipicamente militar –, o Governador-Geral Gaspar de Sousa designou Jerônimo de Albuquerque, o ‘experimentado nas cousas do sertão e dos índios’, que se tornou, assim, o primeiro natural da terra a comandar uma força naval em missão militar. Tal expedição, formada por três ou quatro navios transportando uns cem homens, portugueses



Aquarela da Força Naval comandada por Jerônimo de Albuquerque, de Carlos Kirovsky

e índios, partiu de Pernambuco em junho de 1613. Jerônimo levava consigo seu filho Antônio de Albuquerque, comandando uma companhia de 50 homens.

Não se devem esperar grandes feitos em missões de reconhecimento. Elas, em geral, são realizadas com forças insuficientes para ações ofensivas, com o propósito de obter informações. São, no entanto, essenciais para que se possa planejar uma ação efetiva contra o inimigo.

Ao passar pelo Ceará, Jerônimo tomou a seu serviço o Capitão Martim Soares Moreno, português que lá estava por ordem do governador-geral anterior, Diogo de Menezes. Moreno, após combater um navio francês em Muricipe, próximo ao local onde hoje está Fortaleza, havia fundado no Ceará um forte que denominou Presídio de Nossa Senhora do Amparo.

Em seguida, Jerônimo fundeou no Rio Camocim, que escolhera como base da operação de reconhecimento, por estar relativamente próximo do Maranhão, mas ainda no litoral do atual Estado do Ceará. Do Rio Camocim, determinou que Moreno, com 25 homens e um navio⁹, prosseguisse para obter informações. Esse destacamento da força principal completou por mar o reconhecimento e destruiu algumas posições francesas.

O padre francês Ivo D'Evreux, que estava nessa época no Maranhão, noticiou em seu livro a presença de um navio comandado por um capitão português chamado

Martim Soares¹⁰. Acrescentou também que deram tiros de peças para chamar a atenção dos selvagens, desembarcaram e obtiveram informações de que os franceses tinham 'um belo forte, canoas, navios e canhões'. Foram também avistados nas proximidades três navios, possivelmente da força naval de Jerônimo, que estava no Ceará.

O reconhecimento português, segundo D'Evreux, fez com que os invasores se alarmassem com a possibilidade de serem sitiados¹¹, por terem enviado uma expedição ao Pará que reduzira seu efetivo na colônia. Mandaram uma canoa, que demorou três meses para alertar o Sr. De

La Ravardiere, que a comandava. Ele resolveu regressar, interrompendo sua viagem, o que, segundo o cronista, 'causou muito mal à colônia, porque se teria colhido muitos gêneros pela margem dos rios, muito mais povoados de selvagens de diversas nações...'¹² Consta-se que estavam reforçando a defesa da futura Ilha de São Luís por meio do assentamento de outras tribos. A notícia também fez com que algumas delas, já recrutadas, adiassem seus planos e passassem a esperar o resultado dos acontecimentos¹³. Com o regresso de La Ravardière, porém, ativaram-se as obras das fortificações, que foram providas de artilharia e guarnições.

Moreno, no entanto, não pôde regressar ao Ceará, por encontrar condições adversas de navegação – provavelmente ventos contrários típicos dessa região da costa do



Medalha comemorativa dos 400 anos das ações sob o comando de Jerônimo de Albuquerque

9 Como se verá mais adiante neste texto, no item sobre os navios de Jerônimo de Albuquerque, 25 homens era uma tripulação possível para o tipo de navio que estavam empregando nessa missão.

10 D'EVREUX, Ivo. Opus cit. p. 89.

11 D'EVREUX, Ivo. Opus cit. p. 169.

12 D'EVREUX, Ivo. Opus cit. p. 170.

13 D'EVREUX, Ivo. Opus cit. p. 170.

Nordeste, que tornavam a viagem para o Norte muito mais fácil do que a viagem para o sul do Continente Americano¹⁴. Seguiu então para as Antilhas e daí para a Espanha, aonde chegou em abril de 1614. Enviou então seu relatório por carta, que somente chegou a Pernambuco três meses mais tarde.

Após aguardar o regresso de Martim Soares Moreno por algum tempo, sem notícias, Jerônimo decidiu se retirar de Camocim devido à má qualidade da água doce disponível ('má aguada') e foi para Jericoacoara, um pouco mais a leste na costa do Ceará. Em Jericoacoara, fundou a pequena fortificação de Nossa Senhora do Rosário. Como o estoque de provisões estava baixo, resolveu, em seguida, retirar-se para Pernambuco por terra, deixando no forte 40 homens comandados por seu sobrinho, Gregório Cardoso de Albuquerque. Provavelmente o regresso por terra foi escolhido porque os índios, pouco acostumados a longas viagens marítimas, sofriam muito com enjoos¹⁵. Estava terminada a participação de Jerônimo nesta expedição por mar.

Em Pernambuco, ele recebeu, em 22 de junho, do Governador Gaspar de Sousa um regimento¹⁶ que o nomeava 'Capitão da Conquista e Descobrimto das Terras do Maranhão' (provisão de 29 de maio de 1613). Dois dias depois, partia para o Rio Grande do Norte, para recrutar índios flecheiros.

Somente em 24 de julho de 1614 chegou a Pernambuco um navio trazendo a carta com

o relatório de Martim Soares Moreno com informações sobre o efetivo, as fortificações e a força naval dos franceses no território ocupado, no Maranhão. Só então se teve o resultado completo do reconhecimento de 1613 e foi possível dimensionar a força necessária para a 'jornada' que iria expulsá-los.

Os navios de Jerônimo de Albuquerque

Sabe-se, pela bibliografia existente, que os navios utilizados por Jerônimo de Albuquerque eram 'caravelões'. Dava-se esse nome a pequenas caravelas rústicas que foram muito utilizadas na costa brasileira. Eram embarcações muito adequadas para essa costa, onde há maior probabilidade de mares tranquilos¹⁷, permitindo, portanto, o emprego de navios pequenos. Tinham velas latinas, que permitiam navegar melhor com vento contrário.

Os pequenos estaleiros que se estabeleceram no Brasil, praticamente desde o início da colonização, construíam principalmente esses caravelões até meados do século XVII. A construção naval é das primeiras indústrias da terra, juntamente com a indústria açucareira e a fabricação de telhas. Apesar das excelentes madeiras¹⁸ brasileiras, a construção naval teve dificuldades para prosperar, pois competia por mão de obra, que era escassa, com a indústria açucareira. Além disso, havia falta de carpinteiros navais experientes.

Os detalhes dos caravelões, no entanto, são pouco conhecidos. Conforme

14 Essa característica do regime de ventos, que às vezes tornava a viagem a vela para Lisboa relativamente mais fácil do que para o Rio de Janeiro, poderia, mais tarde, fazer com que o Maranhão e o Pará não fizessem parte do território do Brasil, mas tal não aconteceu graças à ação, durante a Guerra de Independência, do Almirante Cochrane, primeiro comandante da Esquadra brasileira.

15 Na próxima expedição, a mais importante, de 1614, Jerônimo preferiu caminhar por terra, alegando que os índios enjoavam no mar.

16 BONICHON, Philippe e GUEDES, Max Justo. "A França Equinocial". In. *História Naval Brasileira*, Primeiro Volume, Tomo I, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975, p. 560.

17 Exceto na costa da Região Sul do Brasil.

18 Essas madeiras eram diferentes das que os portugueses conheciam, o que exigiu um notável trabalho para conhecê-las melhor, desenvolvendo tecnologias para seu armazenamento e emprego.

Carlos Francisco Moura, em seu capítulo sobre os caravelões¹⁹ na *História Naval Brasileira*, encontram-se poucas informações nos documentos produzidos pelos principais autores contemporâneos a eles, como as do *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa, que permitem inferir-lhes um comprimento entre 11,25 e 17,50 metros, e uma referência no *Livro Náutico*, a qual relaciona o custo de um deles, de 40 ou 50 toneladas de capacidade, permitindo também saber que a tripulação do mesmo era de 25 homens e ‘que era artilhado com dois falcões e quatro berços e que levava dez arcabuzes aparelhados’²⁰. Daí a suposição de Martim Soares Moreno ter partido do Ceará, para completar o reconhecimento do Maranhão, com somente um navio, levando seus 25 homens.

Moura mostra também, em gravuras holandesas da Batalha de 1640 entre as forças navais luso-espanhola e holandesa na costa do Brasil, pequenas caravelas latinas de dois ou três mastros que provavelmente correspondem à imagem desses caravelões²¹.

Uma das razões do pouco conhecimento sobre detalhes dos caravelões, já que não há maiores referências a eles nos principais livros portugueses que lhes são contemporâneos, é que os estaleiros da costa do Brasil seguiam métodos semelhantes aos utilizados na construção naval portuguesa no período das Grandes Navegações. Construíam sem desenhos, baseados em proporções e regimentos provavelmente nem sempre escritos, variando dimensões por meio de ‘graminhos’²² de origem medieval. Ainda

hoje, existem estaleiros na Região Nordeste brasileira que continuam utilizando métodos de alguma forma semelhantes, em que as medidas das embarcações são obtidas de tabuinhas riscadas com ‘ponta seca’, chamadas também de ‘graminhos’. Os desenhos (ou planos) necessários à documentação atualmente exigida pelas Capitânias dos Portos são produzidos posteriormente à obra.

A ofensiva contra os franceses

Em agosto de 1614, os navios e as tropas estavam prontos e partiram sob o comando de Diogo de Campos Moreno, tio de Martim, para se encontrarem com Jerônimo de Albuquerque e as tropas de indígenas por ele recrutadas. Em 5 de setembro, seguiram novamente viagem, por mar e por terra, desta vez para expulsar definitivamente os franceses, que foram derrotados no desembarque em Guaxenduba e capitularam em novembro de 1615.

O bom desempenho de Jerônimo, capitão-mor da conquista, foi reconhecido, e ele, mais tarde, pôde juntar o sobrenome Maranhão ao seu. Assim, a monarquia, por meio de suas intrincadas redes de vassalagem, realizou mais uma vez com bom êxito sua política ultramarina. Vassalos como ele, que eram capazes de movimentar suas próprias redes de aliados, tornavam essas realizações possíveis, contando com pouquíssimos recursos de comunicação, em um mundo habitado por pessoas quase independentes, nem sempre civilizadas, dispersas em vastidões ainda selvagens e que supriam por si o que precisavam para resolver suas próprias necessidades.

19 MOURA, Carlos Francisco, “Um caso típico brasileiro – Os Caravelões”, in *História Naval Brasileira*, Primeiro Volume, Tomo I, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975.

20 MOURA, opus cit. p. 105.

21 MOURA, opus cit. p. 111.

22 Métodos, em geral gráficos, utilizados para estabelecer dimensões seguindo a variação de curvas preestabelecidas.

Recuperado o Maranhão, os portugueses enviaram uma expedição que fundou o Forte, origem da cidade de Belém, no Pará, iniciando a expulsão de diversos intrusos que haviam se estabelecido nas margens e na foz do Rio Amazonas. Assim, completou-se a ocupação da costa norte do futuro Brasil. Flotilhas de grandes canoas artilhadas por esses portugueses garantiram, em seguida, sua posse.”

AS COMEMORAÇÕES

Além das homenagens já citadas, foi realizada em 3 de julho, na sede dos Correios de Porto Velho, no estado de Rondônia, solenidade de lançamento do selo comemorativo dos 400 anos das ações da Força Naval comandada por Jerônimo de Albuquerque. O evento contou com a participação de autoridades civis e militares. Na oportunidade, o Capitão de Corveta (T) Luiz Reginaldo de Macêdo, delegado fluvial de Porto Velho, efetuou a chancela do primeiro selo, acompanhado pelo diretor regional dos Correios em Rondônia, Sérgio Simão de Araújo.

Em 17 de julho, no Rio de Janeiro, foi realizado, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o seminário “Jerônimo de Albuquerque e a Conquista do Maranhão”. Presidido pelo Vice-Almirante Armando de Senna Bittencourt, contou com

palestras ministradas pelo presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Arno Wehling; pelo Professor-Doutor Luiz Fabiano de Freitas Tavares, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF); e pelo Embaixador Vasco Muniz, do IHGB.

As apresentações foram divididas em dois blocos: o primeiro, com informações sobre o poder e as relações familiares nas origens do Maranhão e de como o Estado se apresentava no contexto histórico e político nacional da época; no segundo, foram abordados a vida e os feitos de Jerônimo de Albuquerque, que tanto contribuíram para

a conquista da região.

Em 26 de outubro, a Capitania dos Portos do Maranhão, em parceria com a Prefeitura Municipal de Icatu (MA), também inaugurou busto de Jerônimo de Albuquerque Maranhão. O evento aconteceu na praça central da cidade, fundada pelo homenageado e que ostenta o seu nome. O evento fez parte da programação em comemoração

aos 399 anos de Icatu, onde se localiza a praia em que foi travada a Batalha de Guaxenduba, contenda decisiva para a reconquista do Estado, em 1615.

Participaram da cerimônia o Prefeito José Ribamar Moreira Gonçalves e o capitão dos Portos do Maranhão, Capitão de Mar e Guerra Jair dos Santos Oliveira, além



O delegado fluvial do Porto Velho, Capitão de Corveta (T) Macêdo, e o diretor regional dos Correios em Rondônia obliteram selo comemorativo



Alunos do CFO do CIAW que participaram do Seminário no IHGB

do vice-presidente da Sociedade Amigos da Marinha-Maranhão, Raimundo Batista Silva, e Paulo Fernando de Albuquerque Maranhão, descendente direto de Jerônimo de Albuquerque.

A Universidade Federal do Maranhão (UFMA) também se integrou ao Quadricentenário de Jerônimo de Albuquerque, com o seminário “Jerônimo de Albuquerque e sua importância na história do Maranhão: símbolos, significados e representações”, realizado nos dias 20 e 21 de novembro, no Campus do Bacanga, em São Luís. O evento foi uma realização da Capitania dos Portos do Maranhão e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, com o apoio da UFMA, da Sociedade dos Amigos da Marinha do Maranhão (Soamar) e do Instituto de Desenvolvimento do Poder Marítimo do Maranhão (Idepom), e contou com a participação da DPHDM.

Foram abordados, por meio de palestras e mesas-redondas, a vida, o percurso e o trabalho desta figura histórica reconhecida pela Marinha do Brasil como herói naval. A mesa de abertura do Seminário foi composta pelo diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, pelo capitão dos Portos do Maranhão, Capitão de Mar e Guerra Jair dos Santos Oliveira; pela presidente do Instituto Histórico e Geográfico

do Maranhão, Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo; pela historiadora e professora Maria de Lourdes Lacroix; pela chefe de gabinete da Reitoria da UFMA, Sílvia Duailibe Costa, representando o Reitor Natalino Salgado; e pelo Professor Paulo Fernando de Albuquerque, descendente de Jerônimo de Albuquerque.

O Almirante Bittencourt fez a palestra inaugural com o tema “Jerônimo de Albuquerque e a primeira força naval comandada por natural do Brasil” e, na sequência, foi composta mesa para debater o tema “Por ordem de sua majestade: Jerônimo de Albuquerque e a conquista do Maranhão”, tendo como participantes o Almirante Bittencourt, a Professora Lacroix, e o Professor de História Euges Lima.

Também como parte das comemorações alusivas a Jerônimo de Albuquerque, a DPHDM e a Casa da Moeda lançaram a “Medalha Comemorativa dos 400 Anos do Início das Ações da Força Naval sob o Comando de Jerônimo de Albuquerque”. Na ocasião, houve também o descerramento da obra de arte do pintor Sansão Pereira que representa o retrato imaginado do homenageado. O evento contou com a presença do comandante da Marinha.

Pelas várias homenagens promovidas, reforça-se a importância de Jerônimo de Albuquerque na história do País.



Inauguração do quadro de Sansão Pereira

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HITÓRIA>; História do Brasil; História marítima; Albuquerque, Jerônimo de; Maranhão;